



Foge cão

Está – indiscutivelmente – na ordem do dia perguntar que lições se podem ou devem tirar do processo Casa Pia. E – insuportável e perigosamente – está ainda mais na ordem do dia responder; e digo ainda mais, porque para alguns não é sequer necessário que lhes seja perguntado

Realmente, não há quem não tenha metido a sua colherada no assunto, todos têm opinião, todos sabem, todos sentenciam, desde os diretamente interessados, passando pelo cidadão dito comum (em especial aquele que gosta de «participar» e de «opinar» – ah, e tem tantos fora para isso!), até aos nossos diletos especialistas do et cetera e treinadores de bancada, com destaque para aqueles que, com assinalável desembaraço, discorrem, de uma penada, sobre a complexa arquitetura do Estado e a dinâmica dos fenómenos sociais, sobre os mistérios insondáveis do futebol, sobre a sublimação pela poesia ou sobre a preparação de uma perdiz de escabeche. E eu gosto sempre muitíssimo de os ouvir ou ler, exceto quando, como diria o outro, percebo alguma coisa do assunto.

Ora, posto isto, ocorre-me uma primeira lição, em jeito de pergunta: Porque é que não se calam? Sobre o processo Casa Pia e, já agora, sobre grande parte do resto. Contudo, antes de, formulando a pergunta, avançar com a lição, hesito e arrepio-me. É que dou por mim a quebrar um juramento, pois jurei a mim mesmo que nada diria sobre o processo em causa – especialmente quando, na passada semana e já nesta, fui sendo solicitado para falar ou escrever sobre o processo Casa Pia e, sobretudo, para dele tirar lições.

E jurei-o, não tanto por preocupações de reserva, ou por teimosia, ou por ter pouco ou nada para dizer. Jurei-o, mais por razões higiénicas: é que, com tanto ruído, não queria contribuir para o barulho, e, com tantos disparates ditos e

escritos, não queria contribuir com os meus. Porém, acabei por faltar ao juramento. Logo, oferece-se-me uma segunda lição: Não jures, sobretudo a ti mesmo, não falar sobre aquilo de que todos falam; não jures, porque quebras o juramento.

JÁ QUEBREI, e cá estou eu a discorrer sobre o assunto. Mas para dizer o quê? Que poderei eu dizer? Talvez o mesmo que há uns três dias respondi a um colega, que me perguntou: «Olha lá, o que pensas tu do processo Casa Pia? Que balanço fazes? Que lições tiras?» E eu, sinceramente e sem blague, respondi: «Não penso nada. Não faço nenhum balanço. Não tiro qualquer lição.»

Eu não intervim no processo, não o

conheço, não o estudei. Eu faço os possíveis por não confundir processos com notícias sobre processos, justiça com notícias e opiniões sobre justiça, processos com «casos». Eu aprendi que as ondas são fenómenos complexos, e que a espuma é apenas um dos seus elementos. Ensinaaram-me (e não sei se aprendi inteiramente) que antes de falar é preciso pensar, que antes de opinar é preciso refletir, que antes de reagir é preciso arrefecer. Aprendi também – sobretudo desde 2003, tendo a lição de síntese tido lugar no verão de 2007 – que tirar lições de um processo (ou melhor, de um «caso») para fora desse processo (ou «caso») não dá bom resultado, sobretudo se for às pressas e no meio do ruído e da espuma. Cada vez me dou menos bem com a velocidade

e com o estrépito dos tempos que correm.

Desenha-se-me, com nitidez, a única verdadeira lição que me ocorre como sendo possível e aceitável: Não tirar lições. Pensar antes de falar. Esperar. E saber ser fiel a uma lição, essa sim eu sei: Cada processo é um processo, e é só isso, e



corre no Tribunal, não fora dele. Quanto ao resto, que sei eu? Que sabemos nós?

No século XIX, quando o baronato proliferava (sobretudo, entre os brasileiros de torna-viagem) de forma tão generosa quanto hoje proliferam as opiniões e as lições, Almeida Garrett exortou os cães a fugir, para não acabarem barões. Hoje, se cá estivesse, era bem capaz de dizer ao fiel amigo: «Foge cão, que te pedem opinião, ou uma lição.»

* Advogado

Desenha-se-me, com nitidez, a única verdadeira lição que me ocorre como sendo possível e aceitável [no caso Casa Pia]: Não tirar lições